

O PERCURSO DO RIO JEQUITINHONHA DA TRADIÇÃO AO CONTEMPORÂNEO: “A CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE”

Thiago Machado de Matos Silva¹

Ilca Vieira de Oliveira²

RESUMO:

Neste artigo pretendo discutir as imagens do rio Jequitinhonha presentes nos livros *Vila Rica*, de Cláudio Manoel da Costa; *Glaura*, de Silva Alvarenga; *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles; e no poema “O rio agora é outro”, de José Machado de Mattos, pertencente à série de poemas “Válida Esperança”, de *Jequitinhonha Antologia Poética*. Nessas reflexões, procurarei demonstrar como as imagens desse rio se vinculam ao “ciclo do ouro” mineiro e ao apogeu financeiro do Vale do Jequitinhonha, no século XVIII, nas obras dos poetas árcades e da poeta modernista, e como se vinculam à decadência econômica do Vale, no final do século XX, no poema do poeta contemporâneo.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Poesia árcade. Poesia modernista. Poesia contemporânea. Rio Jequitinhonha.

RESUMEN:

En este artículo voy a hablar de las imágenes del río Jequitinhonha en los libros *Vila Rica*, de Claudio Manoel da Costa; *Glaura*, de Silva Alvarenga; *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecilia Meireles; y el poema "O rio agora é outro", de José Machado de Mattos, perteneciente a la serie de poemas "Válida Esperança", de *Jequitinhonha Antologia Poética*. En estas reflexiones, trataré de mostrar cómo las imágenes de este río están relacionados con el "ciclo del oro" minero y a pico financiero de Jequitinhonha valle en siglo XVIII, al obras de los poetas de Arcadia y de poeta modernista, y la forma en que están vinculados a la decadencia económica del Valle al final del siglo XX, en poema de poeta contemporáneo.

Palabras-clave: Literatura brasileña. Poesía arcadia. Poesía modernista. Poesía contemporánea. Río Jequitinhonha.

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros.

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2005), professora titular da Universidade Estadual de Montes Claros e coordenadora do Mestrado em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros.

Adentrando o País da Pedra
O Jequitinhonha risca
A Paisagem
Contornando mineral a fome
Das Gerais
(Ronald Claver)

Este trabalho é parte da minha dissertação de mestrado, intitulada “Palavras em suor maior: duas antologias poéticas do Baixo Jequitinhonha na década de oitenta”, na qual discuto uma nova tendência da poesia brasileira contemporânea, nomeada “poética de conhecimento da terra”³, a partir dos livros *Jequitinhonha Antologia Poética* e *Jequitinhonha Antologia Poética II*, publicados, respectivamente, em 1982 e 1985 pelos autores mineiros Gonzaga Medeiros, Wesley Pioest, Jansen Chaves, Tadeu Martins e José Machado. A análise desses livros foi feita sob dois pontos de vista: 1) observar, de maneira geral, as suas principais características e de seus sujeitos poéticos; 2) investigar, de maneira particular, nas séries de poemas “Válida Esperança” e “Todas as cores”, a relação do poeta José Machado com o rio Jequitinhonha; e, nas séries “Poemas rubinenses (um texto de tempo)” e “Memorandos (poemas rubinenses)”, a relação do poeta Wesley Pioest com a cidade de Rubim.

Para este artigo, destaco o duplo poeta-rio Jequitinhonha presente nas obras *Vila Rica*, de Cláudio Manoel da Costa; *Glaura*, de Silva Alvarenga; *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles; e no poema “O rio agora é outro”, de José Machado de Mattos, pertencente à série de poemas *Válida Esperança*, do livro *Jequitinhonha Antologia Poética*. Nessa abordagem, tentarei demonstrar que as imagens daquele rio se vinculam ao período de extração do ouro/diamante e ao apogeu econômico do Vale do Jequitinhonha, no século XVIII, nas obras dos poetas

³ No texto “A Literatura e o conhecimento da terra”, de Afrânio Coutinho, este crítico literário pondera que há, em toda a nossa história literária, no que se refere ao conhecimento do Brasil, sinais de certo desejo de conhecer e desvendar os mistérios dessa terra, em que os mesmos temas, pontos de vista e preocupações são refletidos nas obras de ensaístas, publicistas, historiadores, sábios, ficcionistas e poetas brasileiros, cada qual em sua pauta própria. Nesse sentido, o autor defende que a literatura brasileira é atravessada, da *Carta de Achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha, até as experimentações modernistas, por um intenso e caloroso sentimento de inquietação telúrica, caracterizado pela interseção entre a literatura de ideias e a literatura de imaginação. Corroboro com tais afirmações de Coutinho, mas discordo que essa tendência tenha se encerrado no Modernismo brasileiro, uma vez que diversas obras da literatura contemporânea apresentam-na. Utilizo como exemplo em minha dissertação de mestrado os livros *Jequitinhonha Antologia Poética* e *Jequitinhonha Antologia Poética II*, que se caracterizam por seus autores manterem uma relação intrínseca com sua terra natal, o Vale do Jequitinhonha, buscando descrevê-lo, conhecê-lo e dissecá-lo através da anatomia da linguagem poética.

árquadas e da poetisa modernista, e ao período de decadência econômica do Vale, no século XX, no poema do poeta contemporâneo, o que gera, historicamente, imagens díspares se levarmos em conta o ponto de vista diacrônico-literário.

Segundo Patrícia Guerreiro, o rio Jequitinhonha⁴ é um típico rio de montanhas que nasce na Serra do Espinhaço, em Pedra Redonda, município do Serro, Minas Gerais. Ele corta o nordeste deste estado, percorrendo 1.086 km (888 km em Minas e 198 km na Bahia) até encontrar o mar na cidade de Belmonte, sul da Bahia. No final do século XVI, o rio Jequitinhonha foi descoberto por aventureiros instigados pela notícia da existência de metais e pedras preciosas no sertão mineiro. A maioria desses aventureiros veio em busca do “Sol da Terra” (ouro), que acreditavam encontrar às margens desse rio. Com a descoberta das minas de ouro em Vila Rica (Ouro Preto), no século XVII, ele foi abandonado e ficou esquecido até que, no final deste século e início do século XVIII, descobriu-se ouro em Hivituriú (denominação indígena de montanhas frias), atual cidade do Serro. No entanto, sua exploração se consolidou somente com a descoberta do diamante no Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, na segunda década do século XVIII (GUERREIRO, 2000, p. 99-100). Percebe-se, então, a relevância do rio Jequitinhonha tanto para a história quanto para a economia mineira por ter sido, no século XVI, uma via natural de acesso ao sertão mineiro; no século XVIII, fonte de riqueza para a coroa portuguesa; e, por ter feito, nos séculos XIX e XX, a integração do Baixo Jequitinhonha com o sul da Bahia, sendo uma importante rota comercial e de transporte de passageiros entre essas regiões.

Anelito de Oliveira, no prefácio do livro *Videografismos: notícia do Jequitinhonha*, intitulado “A educação pelo rio”, comenta os poemas resultantes da Oficina de Literatura do XV FESTIVALE, realizada na cidade de Salto da Divisa, Minas Gerais, no período de 15 a 24 de julho de 1994. A oficina foi coordenada por João Evangelista Rodrigues e a temática abordada foi o rio e o Vale do Jequitinhonha. Ao comentá-los, Oliveira estabelece dois paradigmas sobre a relação dos poetas com o rio dessa região: 1) o surgimento de uma outra dimensão desse rio, espécie de “terceira margem”, em que seu aspecto não se apresenta na língua,

⁴ O historiador Luís Santiago afirma que o rio Jequitinhonha, ou Gequitionha, é conhecido também como rio Grande, rio Grande de Belmonte ou rio Belmonte (há quem diga que este é o nome que ele recebe do Salto Grande para baixo e outros dizem que ele ganha este nome na confluência do Jequitinhonha com o Araçuaí). Esse rio é conhecido ainda como Paticha pelos camacãs e como Iguaçu pelos índios tupis (SANTIAGO, 1999, p. 29).

no que comumente se diz sobre um rio, por um motivo político-ideológico; e 2) o aparecimento de uma nova relação do homem do Vale com o rio, a qual, sob um viés poético, faz com que o jequitinhonhense, que no plano da língua, no discurso de uma instituição como a mídia, é tido como vencido, coitado, transforme-se, no plano da linguagem, através do trabalho do poeta, em um vencedor, ativo, emissor de fogo (OLIVEIRA, 1994, p. 13-14). Inspirado nas noções de Anelito de Oliveira, tentarei abordar, na análise abaixo, dois outros pontos de vista sobre a relação poetas-rio Jequitinhonha: 1) As “novas terceiras margens” do Jequitinhonha criadas a partir da ótica de poetas “de fora do Vale” e pertencentes à tradição poética brasileira; e 2) As “novas terceiras margens” do Jequitinhonha criadas a partir da ótica de um poeta nascido no Vale e pertencente à poética brasileira contemporânea.

Para tal análise, tornam-se imprescindíveis três definições de Octavio Paz sobre o que torna um poema histórico. As duas primeiras se relacionam às palavras do poeta. Tais palavras, segundo esse autor, são históricas sendo, por um lado, algo “datável”, pois “pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo” (PAZ, 1982, p. 226); e, por outro lado, “um começo absoluto”, uma vez que “são anteriores a toda data” (PAZ, 1982, p. 226). Assim, o poema torna-se um tecido de palavras perfeitamente datáveis a um ato anterior a todas as datas, espécie de “ato original com que principia toda história social ou individual; expressão de uma sociedade e simultaneamente fundamento dessa sociedade, condição de sua existência” (PAZ, 1982, p. 226). Já a terceira definição que me interessa é “o instante privilegiado da corrente temporal”, espécie de “aqui e agora” que principia algo. De acordo com Paz, “esse instante é unguido com uma luz especial: foi consagrado pela poesia, no melhor sentido da palavra consagração” (PAZ, 1982, p. 227). Além disso, considera que o poema “é um mundo completo em si mesmo, tempo único, arquetípico, que já não é passado nem futuro, mas presente (PAZ, 1982, p. 228). Diz ainda que se o poema é “presente”, só existe no “aqui e agora” de sua presença entre os homens. E que

[...] para ser presente o poema necessita se fazer presente entre os homens, encarnar na história. Como toda criação humana, o poema é um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar; mas também é algo que transcende o histórico e se situa num tempo anterior a toda história, no princípio do princípio. Antes da história, mas não fora dela (PAZ, 1982, p. 228).

Tornam-se imprescindíveis ainda as noções de viajante defendidas por Michel Onfray, no livro *Teoria da Viagem*: poética da geografia, e por Cecília Meireles, no texto “Roma, turistas e viajantes”. De acordo com aquele, o viajante é o ser “procura entrar num mundo desconhecido, sem intenções prévias, como espectador desengajado, buscando nem rir nem chorar, nem julgar nem condenar, nem absolver nem lançar anátemas, mas pegar pelo interior, que é compreender” (ONFRAY, 2009, p. 58-59). Já para esta:

é uma criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente até o futuro – um futuro que ele nem conhecerá (MEIRELES, 1999, p. 101).

Nota-se que a diferença básica entre o viajante de Onfray e o de Cecília é que o primeiro se caracteriza por buscar compreender o lugar pelo qual viaja e o segundo por desenvolver um laço afetivo com tal lugar. Ressalto também as figuras dos *nômades* ou *pastores* e as dos *sedentários* ou *camponeses* propostas por Michel Onfray, em que aqueles se distinguem por serem sujeitos amantes dos fluxos, transportes e deslocamentos (ONFRAY, 2009, p. 9-10.); e estes por serem apaixonados pelo estatismo, imobilismo e raízes (ONFRAY, 2009, p. 9-10.)

2.1.1 – O rio Jequitinhonha na poesia árcade

Começo a refletir agora sobre as noções de “datável”, de “começo absoluto”, de “aqui e agora” e de viajante presentes na tradição árcade e como tais noções contribuem para a construção de uma imagem do rio Jequitinhonha vinculada ao apogeu econômico do Vale do Jequitinhonha, no século XVIII. No texto “Os poetas coloniais e a mineração”, o poeta e ensaísta Affonso Ávila discute acerca da censura quase unânime de diversos historiadores da literatura brasileira aos poetas coloniais pelo alheamento destes em relação à realidade brasileira do tempo e pela falta de uma vivência maior da terra e do ambiente nativo que eles apresentavam. Nessa discussão, coloca-se contrário a proposição de tais historiadores da literatura brasileira, privilegiando a influência do “ciclo do ouro” na poesia do século XVIII, embora reconhecendo a predominância na poesia daqueles poetas das reminiscências portuguesas e da obediência aos modelos formais, ou o apego à linguagem padrão do arcadismo luso (ÁVILA, 2000, p. 146). Por concordar com tal

assertiva de Affonso Ávila, pretendo ampliá-la ao propor reflexões sobre a influência desse “ciclo do ouro” na poesia do século XVIII a partir da representação do rio Jequitinhonha.

O autor Michel Onfray trata do sentimento de véspera que invade o corpo antes de qualquer viagem: “No começo, bem antes de todo gesto, de toda iniciativa e de toda vontade deliberada de viajar, o corpo trabalha, à maneira dos metais, sob ação do sol” (ONFRAY, 2009, p. 9). O corpo dos poetas, antes do gesto da palavra, trabalha sob a ação das Minas Gerais da idade do ouro, terra histórica e mítica do século XVIII. O anseio de cantá-la, conhecê-la e desvendá-la com que Cláudio Manuel da Costa e Silva Alvarenga sejam movidos pelo desejo ardoroso de mobilidade, que os levará ao rio Jequitinhonha, parte integrante dessa Minas histórica e mítica. O primeiro poema árcade em que aparece a imagem desse rio é no épico *Vila Rica*.

Segundo Eliana ScottiMuzzi, esse épico, datado de 1773, inscreve-se numa estrutura que tem por objetivo celebrar a descoberta do ouro e a fundação das cidades mineiras, conferindo a esses acontecimentos uma origem mítica e legendária. Composto em versos decassílabos distribuídos em dez cantos, o poema atualiza o esquema retórico da epopeia, com seu elenco de *topoi*, motivos, temas e personagens. Precedido por uma carta dedicatória a um benfeitor, abre-se com uma invocação à musa que logo inclui o “pátrio gênio” e recheia-se de alegorias, visões, sonhos e predições, sendo povoado por heróis e ninfas cuja origem não é somente europeia, mas nativa (MUZZI, 1996, p. 349). O desejo de viagem de Cláudio se vincula, assim, à “pátria Minas”, visto que é nessa “pátria” que ele se desloca, tornando-se amante dos fluxos. Ele se desloca e viaja nessa terra a partir das figuras de Albuquerque e Garcia, e também através do Gigante Itamonte, figura onipresente que dialoga com os desbravadores das terras mineiras, servindo-lhes de guia. Ressalto que tais personagens remetem à imagem do *nômade pastor*, caracterizados pelo desejo de deslocamento.

A viagem imaginária a Minas dos diamantes e ao rio Jequitinhonha acontece no canto oito, e, precisamente, na décima oitava estrofe de *Vila Rica*. Esse canto faz menção ao descobrimento das esmeraldas em Minas e se fundamenta em um poema manuscrito de Diogo Grasson Tinoco, produzido no ano de 1689. O episódio em que o rio é mencionado ocorre após a ninfa Eulina, amante do desbravador

Garcia, apresentar a este os encantos do Ribeirão do Carmo e suas ninfas de cabelos empoados de ouro. O herói, ainda em júbilo pela deslumbrante beleza das ninfas e do lugar, é surpreendido pelo bom e velho Itamonte, que, com a voz descansada, resolve mostrar a Garcia a “inculta região das pátrias Minas” DA (COSTA, 1996, p. 425); onde os diamantes se escondem no leito do “empolado” rio. No fragmento a seguir, nota-se a relevância do nomadismo de Garcia e, sobretudo, importância do gigante Itamonte, pois é através dos olhos e dos conselhos deste que aquele apreende a geografia da terra dos diamantes:

E pois que a sorte tens de que em meus braços
Ele mesmo te ponha; os ameaços
Cederão de Itamonte ao teu destino;
Vê pois, Garcia amado, o peregrino
Cabedal que possuo, e que pertendo
Ceda ao teu Rei. Se aos olhos está crendo,
Não é fábula, não, essa grandeza
Que tens defronte da preciosa mesa.
Toda essa terra, que o descuido pisa
Dentro em meus braços, crê que se matiza
Com o louro metal, geral o fruto,
O nome de Gerais por atributo
Estas Minas terão; vês os diamantes:
Eles vêm de outras serras mais distantes,
Mas tudo corre a encher os meus tesouros;
Hão de brilhar os séculos vindouros
Com esta fina pedra; em abundância
Vencerão os que vêm de outra distância;
[E do Indo será menor a glória,]
Quando vir apagar sua memória,
Nas terras onde o sol iguala o dia,
Do meu Jaquitinhonha, a onda fria.
Sobre grossos canais ao alto erguidas
As correntes do Rio, e divertidas
Da margem natural, darão entrada
À industriosa mão, que já rasgada
Uma penha, e mais outra, faz que a terra
Descubra aos homens o valor que encerra.
De ti, ó Rei, das tuas Mãos só fio
Romper o seio do empolado Rio
(DA COSTA, 1996, p. 427).

Dois pontos são importantes neste trecho citado por se relacionarem à perspectiva histórica defendida por Octavio Paz, a que mencionei anteriormente. São eles a fusão entre o elemento “datável”, representado pela descoberta de ouro, no início do século XVIII, na região do Serro, e de diamante, na segunda década do século XVIII, no arraial do Tijuco, atual Diamantina e, conseqüentemente, pela própria fundação mítica e lendária da “pátria Minas”, e o “começo absoluto”, anterior

a toda data, o que caracteriza tal poema como histórico. Ambos, portanto, são, ao mesmo tempo, expressão e fundamento da sociedade do Vale do Jequitinhonha, no século XVIII. Outro ponto que interessa é o que Paz nomeia de “aqui e agora”, que no trecho acima pode ser compreendido por se relacionar ao começo da exploração das “pedras” preciosas escondidas no leito do rio Jequitinhonha e também à cobiça tanto dos garimpeiros (“À industriosa mão, que já rasgada/ Um penha, e mais outra, faz que a terra/Descubra aos homens o valor que encerra”) quanto da coroa portuguesa (“De ti, ó Rei, das tuas Mãos só fio/Romper o seio do empolado Rio”) a essas pedras.

A outra viagem feita à paisagem mineira e ao rio Jequitinhonha pode ser identificada no livro *Glaura*, de Silva Alvarenga. Esse livro foi publicado em 1799 e, de acordo com Antonio Candido, no texto “Poesia e música em Silva Alvarenga e Caldas Barbosa”, consta de 59 rondós, quase todos obedecendo a um esquema métrico e estrófico invariável, e 57 madrigais, de maior variedade rítmica. Estes versam sobre o sentimento amoroso e, sobretudo, a pena de amor. Se foram ou não inspirados por uma grande paixão infeliz, e logo cortada pela morte da amada, o fato é que não se sente a presença dela. Sente-se antes uma atmosfera poética saturada de sentimentalismo até a obsessão, traduzida tão completamente em imagens, que o mundo real se atenua em face duma espécie de jardim além da vida, onde os contornos da natureza adquirem fluidez musical (CANDIDO, 1969, p. 136-137). Ainda sobre *Glaura*, o crítico Fábio Lucas, no texto introdutório a esse livro, em edição publicada pela Companhia das Letras, em 1996, pondera que Alvarenga realizou nesta obra a sua mais característica poesia lírica. E sendo fruto do movimento arcádico, respeita os princípios estéticos da literatura pastoril, com acentos nos valores naturais, inclusive, com a surpreendente utilização de plantas e frutos brasileiros (LUCAS, 1996, p. 13-14).

O rondó em que o rio Jequitinhonha aparece é o de número XXVI, sob o título de “O amante satisfeito”. Este rondó se diferencia dos demais rondós e madrigais do livro, nos quais um pastor viaja pela paisagem brasileira exaltando a mulher amada ou lamentando a sua perda, uma vez que no rondó XXVI a natureza preserva sua fluidez musical, mas vai muito além da mera representação da fauna e flora nacionais. O elemento local, no caso, o rio Jequitinhonha, aparece personificado e vinculado, novamente, à ideia da extração do ouro e do diamante ocorridos no Vale

do Jequitinhonha, no século XVIII. Assim, o pastor viajante, caracterizado pela figura do *nômade pastor*, ao deparar-se com a amada na beira do Jequitinhonha, não o utiliza apenas como pano de fundo de seu canto amoroso, mas como elemento histórico que pulsa vivo em um cenário que, apesar de repleto de personagens mitológicos e reminiscências europeias, faz-se tipicamente mineiro pela presença daquele rio. O rio diferencia-se não por ser povoado pelas ninfas ou deidades europeias, mas por ser abandonado à sensibilidade brasileira e esconder, em suas águas, metais e pedras preciosas, como podemos perceber neste trecho do poema:

Os metais adore o mundo;
Ame as pedras, com que sonha,
Do feliz Jequitinhonha,
Que em seu fundo as viu nascer
(ALVARENGA, 1996, p. 129).

Neste trecho, o elemento “datável”, que pode ser interpretado como a descoberta do ouro, no século XVIII, no Vale do Jequitinhonha, junta-se, outra vez, ao “começo absoluto”, anterior a toda data, para formar o componente histórico do poema. Novamente, tais elementos somam-se e funcionam como expressão e fundamento da sociedade do Vale nesse período. Concomitantemente, o “aqui e agora” vem da necessidade de “consagrar” o instante em que o rio Jequitinhonha era explorado por conta da riqueza mineral que escondia em seu leito. Para consagrar tal instante, o poeta se utiliza do hipérbato para pôr o mundo em contato com o ambiente do Vale e para colocar esse mundo à espera e em estado de adoração, de sonho e de amor aos “metais” e às “pedras” que “nascem” do “feliz Jequitinhonha”.

2.1.2 O rio Jequitinhonha na poesia de Cecília Meireles

Proponho, agora, observar como a poetisa modernista Cecília Meireles olha para esse século XVIII, especificamente, para Diamantina (antigo Arraial do Tijucu) e faz uma leitura dessa região, trazendo também a imagem do rio Jequitinhonha. Ressalto, porém, que a Minas cantada pelo árcade Cláudio Manuel da Costa e Silva Alvarenga é ainda uma região sem passado, “onde o presente começa apenas a ser extraído das entranhas da terra” (MUZZI, 1996, p. 350). O olhar desses poetas,

então, volta-se para os fatos que estão acontecendo. Já a Minas cantada por Cecília Meireles é uma terra distante, perdida no século XVIII. Seu olhar, conseqüentemente, parte do presente e de pesquisas e viagens realizadas neste tempo e volta-se aos fatos que aconteceram no século XVIII, consagrando-os e perpetuando-os.

Feita a ressalva, destaco a última viagem imaginária ao rio Jequitinhonha presente na tradição poética brasileira. Ela pode ser encontrada em *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. De acordo com Ana Maria Lisboa de Mello, na apresentação desse livro, *Romanceiro* foi publicado em 1953, fruto de longos anos de pesquisas históricas sobre a vida literária, cultural e política do século XVIII. Na verdade, a obra começa a ser concebida por volta de 1943. Cecília vai a Ouro Preto como jornalista para fazer uma reportagem e, contemplando os locais onde se sucederam os fatos principais da Inconfidência Mineira, sente-se mobilizada pela necessidade de recuperar o passado – não apenas os fatos, mas as emoções que eles desencadearam. A obra recompõe o retrato da época da conjuração Mineira (1788-1789), em Vila Rica (atual Ouro Preto), quando os impostos excessivos cobrados pela Coroa Portuguesa (a chamada “derrama”) provocaram um movimento de revolta liderado pelo alferes Joaquim José da Silva Xavier, conhecido por Tiradentes (MELLO, 2010, p. 9). Entre outros, fizeram parte da rebelião os poetas árcades Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. O *Romanceiro da Inconfidência* é composto por cinco “Falas”, quatro “Cenários”, uma “Imaginária serenata, um “Retrato” e oitenta e cinco “Romances”. Darei ênfase ao “Romance XIV ou Da Chica da Silva”, já que nele é que o rio Jequitinhonha é representado.

A imagem do *nômade pastor* é visível no sujeito poético desse Romance, já que ele se desloca de “Vila Rica” ao arraial do Tijuco, voltando-se não mais para os episódios da conjuração mineira, e sim para uma personagem mítica e lendária que povoa o imaginário de Minas Gerais. Assim, a “poeta viajante” Cecília, amante das estradas sinuosas de Minas, retoma, no Romance XIV, o “fantasma” de Chica da Silva, escrava que viveu no arraial do Tijuco, atual Diamantina, Minas Gerais, durante a metade do século XVIII. Chica tornou-se conhecida pela união consensual que manteve, por mais de quinze anos, com o contratador João Fernandes de Oliveira e pelo fato de ter sido uma escrava alforriada que atingiu posição de

destaque na sociedade local. Conforme Michel Onfray, se “o desejo de viagem se alimenta melhor de fantasmas literários ou poéticos do que de propostas indigentes” (ONFRAY, 2009, p. 22); o desejo de viagem de Cecília se alimentou do fantasma literário de Chica da Silva, apropriando-se do universo ficcional em torno desta lendária personagem mineira.

O mito em torno da figura de Chica que nos interessa é o que trata da construção de um lago artificial no castelo onde morava. Esse mito diz que ela pediu ao contratador João Fernandes que construísse um palácio com vinte e um cômodos, onde havia um jardim com plantas exóticas e cascatas artificiais. Como não conhecia o mar, teria incumbido seu companheiro de formar um lago artificial nos arredores do palácio. E mandou-o ainda construir um navio à vela, com capacidade para dez pessoas. Este navio navegava no lago transportando os convidados das grandes festas que oferecia à sociedade do arraial do Tijuco. Cecília faz alusão a esse mito e é aí que o rio Jequitinhonha é mencionado:

Gira a noite, gira,
dourada ciranda
da Chica da Silva,
da Chica-que-manda.

E em tanque de assombro
veleja o navio
da dona do dono
do Serro frio.

*(dez homens o tripulavam,
para que a negra entendesse
como andam barcos nas águas.)*

Aonde o leva a brisa
sobre a vela panda?
– À Chica da Silva:
à Chica-que-manda.

À Venus que afaga,
soberba e risonha,
as luzentes vagas
do Jequitinhonha.
(MEIRELES, 2010, p. 71)

Nesta viagem imaginária, o rio Jequitinhonha surge vinculado, miticamente, à estória de Chica da Silva e ao espaço do arraial do Tijuco, no século XVIII. Além disso, ele é termo essencial para que a relação metafórica entre o mito local (Chica da Silva) e o mito universal (Vênus) se estabeleça. Segundo o mito, Vênus nasce da

espuma do mar, fecundada pelo sangue de Urano quando este fora castrado. Ela era honrada como a deusa do amor e da beleza. Para que a relação metafórica se estabeleça, um segundo termo desviado (Chica da Silva) substitui um primeiro termo (Vênus), “próprio” ou “literal”. E há também a substituição do vocábulo mar pelo vocábulo rio Jequitinhonha. Assim, a Vênus que brotara da espuma do mar é substituída pela Vênus (Chica da Silva) que afaga as luzentes ondas do Jequitinhonha. Na lenda original, não há menção ao rio Jequitinhonha, o que me leva a afirmar que o acréscimo do rio Jequitinhonha no poema fica por conta da imaginação e das pesquisas desenvolvidas por Cecília Meireles sobre o mito de Chica da Silva e sobre a região do Vale do Jequitinhonha.

A viagem imaginária dessa viajante ao arraial do Tijuco do século XVIII, portanto, “solicita uma abertura passiva e generosa a emoções que advêm de um lugar a ser tomado em sua brutalidade primitiva, como uma oferenda mística e pagã” (ONFRAY, 2009, p. 59). O deslocamento metafórico do mito de Vênus para esse espaço em brutalidade primitiva (arraial do Tijuco) reforça ainda mais a fábula de Chica da Silva, dando-lhe, no “Romance XIV”, um tom místico e pagão. Nota-se que, novamente, o elemento “datável” do poema se relaciona ao “ciclo do ouro”, no Vale do Jequitinhonha, no século XVIII e ao mito de Chica da Silva, e soma-se ao “começo absoluto”, anterior a toda data, para caracterizar o componente histórico desse poema. Outra vez o elemento “datável” e o “começo absoluto” se juntam para formar um complexo tecido de ato original relacionado à história social do Vale e também para formar a expressão e o fundamento da sociedade desse Vale no século XVIII. Já o “aqui e agora” do poema pode ser explicado pelas intensas pesquisas históricas, culturais e políticas que a poeta Cecília Meireles realizou sobre o século XVIII. Assim, teremos nesse “aqui e agora” ceciliano o que Paz nomeia de “presente potencial”, um tempo que é sempre presente, transcendente da história e repetido entre os homens. Ao estudar o século XVIII e, sobretudo, ao visitar Ouro Preto como jornalista e contemplar os locais onde ocorreram os principais fatos da Inconfidência Mineira e, posteriormente, representá-los em forma de poema, Cecília efetiva o passado através desse “presente potencial”, visto que seus poemas transcendem a história para reencarná-la e se repetirem entre os homens, como ocorre com o “Romance XIV ou Da Chica da Silva”, que, apesar de não fazer parte

dos fatos da Inconfidência mineira, traz uma importante alusão a um dos maiores mitos mineiros: Chica da Silva.

2.1.3 O rio Jequitinhonha na poesia de José Machado de Mattos

Depois dessas reflexões, discutirei a imagem do rio Jequitinhonha presente na poesia “O rio agora é outro”, de José Machado de Mattos, pertencente ao livro *Jequitinhonha Antologia Poética*, publicado em 1982. Entendo que a imagem desse rio nessas obras está diretamente relacionada ao período que Afonso Ávilla trata como o do “ciclo do ouro”. Por isso, a leitura dos poemas anteriores e, concomitantemente, a interpretação destes se torna imprescindível para compreendermos a imagem do rio Jequitinhonha presente na poesia de José Machado de Mattos. Esta imagem aparece no poema “O rio agora é outro”:

O rio agora é outro
A vida é outra.

O que nos unia,
separou-nos em nós,
gargantas,
gritos sem respostas.

O rio é outro
Porque agora outras águas nos lavam.

As águas vão rolar?

O rio é outro.
E agora?

Enquanto descobrimos
o porto,
a maré,
nossos lábios não bebem mais água doce.

O rio agora é outro mar:
sem água,
sem sal.
(MACHADO, 1982, p.43).

Neste poema, a primeira estrofe funciona como uma espécie de prólogo e traz o olhar vagaroso de um sujeito poético *sedentário camponês*, um ser enraizado, que estranha a paisagem do Jequitinhonha, já que “O rio agora é outro/A vida é outra”. Tem-se, assim, uma dialética entre passado e presente. Entre o rio de antes e o rio

de agora. O rio de antes se vincula ao “ciclo do ouro” a partir da colonização do Vale do Jequitinhonha, no século XVIII, e ao início do processo de povoamento do Vale, que tem sua origem na Vila do Príncipe, capital da comarca de Serro Frio (atual município do Serro), em 1700, e no Arraial do Tijuco, Distrito Diamantino (atual cidade de Diamantina), em 1713 (PEREIRA, 1996, p.15); e, portanto, relaciona-se a um período de apogeu econômico dessa região. O rio de “agora”, por sua vez, se relaciona aos três períodos de declínio e estagnação econômica do Vale, ocorridos, respectivamente, nos séculos XIX e XX. O primeiro se dá com a decadência da mineração na região do Jequitinhonha, em meados do século XIX. Esse período modifica o cenário econômico dessa região, que passa por um processo de diversificação, com a generalização mais efetiva da agropecuária e da pecuária, sobretudo, nas regiões do Médio e Baixo Jequitinhonha (VELLOSO; MATOS, 1998, p. 75).

O segundo período acontece justamente depois da decadência da atividade mineradora no Alto Jequitinhonha. Com essa decadência, o fluxo migratório para as regiões do Médio e Baixo Jequitinhonha foi impulsionado pelas atividades de agricultura de subsistência, pecuária e pelo comércio existente entre a cidade de Araçuaí e o sul da Bahia. A cidade de Araçuaí tornou-se, com isso, um importante entreposto comercial da região, já que recebia mercadorias transportadas pelos tropeiros, as quais, posteriormente, abasteciam o norte de Minas e ainda desciam o rio para abastecer o Baixo Jequitinhonha e o sul baiano. Porém, segundo Patrícia Guerreiro, “com a abertura das estradas de rodagem e de outros canais de escoamento de mercadorias e produtos, o comércio de Araçuaí, e do Vale como um todo, declinou, amargando um longo período de estagnação de sua economia” (GUERREIRO, 2009, p. 84). Esse declínio econômico ocorrido em Araçuaí é comentado por João Valdir de Souza no texto “Luzes e sombras sobre a história e a cultura do Vale do Jequitinhonha”:

Araçuaí, por volta de 1885, atinge o auge nesse movimento de expansão, recebendo mercadorias da Bahia e mesmo do Rio de Janeiro. Declina, então, pois abririam-se outras vias de comunicação e transporte pelos vales dos rios Mucuri e Doce, solapando-lhe a primazia de entreposto comercial. Ao final do século a navegação pelo Jequitinhonha declina a olhos vistos. (SOUZA, 1997, p. 111).

E o terceiro período de declínio e estagnação que destaco se relaciona à segunda metade do século XX. Nas décadas de 60 e 70 desse século o Vale foi alvo de políticas públicas que visavam ao incentivo do reflorestamento através do eucalipto, da pecuária e do plantio de café (GUERREIRO, 2009, p. 85). Entretanto, essas políticas públicas surtiram efeito contrário. Aumentaram ainda mais o latifúndio e a pobreza na região. Além disso, atividades de mineração e de garimpagem, aliadas às atividades humanas para fins agropastoris, acabaram transformando o ciclo hidrológico do rio Jequitinhonha, como aponta relatório do IBGE, do ano de 1997:

Atividades humanas de desmatamento para fins agropastoris, de mineração e de garimpagem em seu alto curso e alguns dos afluentes têm causado, no decurso dos anos, modificações importantes no ciclo hidrológico. Além disso, foi observada em todo o Vale a formação de densos terracetes de pisoteio nas encostas. Todo o leito do Jequitinhonha mostra assoreamento extensivo (IBGE, 1997, p. 10).

Nesse sentido, o rio de “agora” e a outra vida mencionados na primeira estrofe do poema de José Machado de Mattos trazem as modificações ocorridas no rio Jequitinhonha e no cenário econômico dessa região ao longo dos séculos XIX e XX. Assim, o processo de estranhamento do sujeito poético diante de seu rio, imagem metonímica do telúrico jequitinhonhense, acontece porque esse rio não é mais um rio do passado glorioso do Vale, mas do presente decadente. Logo, o Jequitinhonha, que unia homem e terra, por ter se transformado em outro, objeto estranho, passa a provocar uma cisão entre esse homem e sua terra, o que pode ser comprovado pelo uso dos vocábulos “nós”, “gargantas” e “gritos sem respostas” presentes na segunda estrofe, os quais, gradativamente, simbolizam a dificuldade de entrelaçar homem e terra devido ao estranhamento provocado pelo rio “outro”; a separação destes; e o silêncio do poeta diante desta separação.

Em seguida, na terceira estrofe, há a utilização do paralelismo e o deslocamento sintático do advérbio de tempo “agora”, que, no verso oito, vincula-se à oração coordenada sindética explicativa do verso nove (“porque agora outras águas nos lavam”). Tais recursos dão uma conotação lúdica ao poema e, além disso, ajudam a ratificar a ideia de modificação do rio, visto que “agora outras águas nos lavam”. Esta expressão pode se referir ao fato de as águas do Jequitinhonha terem se tornado mais escuras por conta da grande quantidade de mercúrio utilizada

nos garimpos localizados no Alto Jequitinhonha. Na quarta estrofe, há a alusão à expressão “as águas vão rolar”, da marchinha de carnaval “Saca-Rolha”. Nesta marchinha, tal expressão tem o sentido metafórico de “passagem do tempo”.

Porém, no poema, ela possui uma perspectiva mais denotativa, uma vez que se refere à incerteza do sujeito poético sobre o futuro do rio, isto é, se as águas deste vão continuar a “rolar” (correr) por causa do processo de assoreamento que vinha sofrendo. Na quinta estrofe, tal incerteza permanece. Há o uso anafórico do termo “O rio é outro” e, novamente, o deslocamento sintático do advérbio “agora”, que se relaciona à conjunção aditiva “E” para reforçar a hipótese de um sujeito que vê o seu rio se modificar e não sabe o que fazer. Resta, então, a esse sujeito, buscar um novo porto e maré, isto é, outro refúgio, movimento, destino, porque a água do rio não é mais doce (“nossos lábios não bebem mais água doce”). Por fim, a sétima estrofe retoma através do paralelismo a primeira estrofe e funciona como um epílogo do poema, trazendo dois aspectos negativos do rio de “agora”: “sem água, sem sal”, ou seja, vazio e sem graça.

Nesse poema, revela-se um jogo de imagens díspares, consagrado pelo isto é aquilo. O rio é o outro que provoca a sensação de que existem dois rios que aparecem frente a frente, hostis e irreduzíveis: o rio do passado, relacionado ao ciclo do ouro, e o rio do presente, relacionado ao assoreamento e às transformações ocorridas nas águas do Jequitinhonha após o ciclo da mineração. Essa hipótese se sustenta se tomarmos como fundamento ideia de Octavio Paz, que defende que “toda a imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si” (PAZ, 1982, p. 120). Dessa forma, a imagem do rio Jequitinhonha presente no poema “O rio Agora é Outro” aproxima duas realidades opostas. São elas a realidade do Vale no século XVIII e a realidade no vale no final do século XX.

Além do mais, o elemento “datável”, ou seja, o declínio econômico do Vale, no final do século XX, soma-se ao “começo absoluto”, anterior a toda data, caracterizando tal poema como histórico, além de lhe dar certa consistência temática. Nota-se ainda que “o aqui e agora” no poema consegue captar e consagrar o instante, o “agora”, em que o rio Jequitinhonha sofre intenso processo de assoreamento e de transformação, diferenciando-se da imagem daquele rio

poetizado pelos árcades e pela poetisa Cecília Meireles. De acordo com Octavio Paz, o lugar de “encarnação” da palavra poética é na história. E que o poema é

mediação entre uma experiência original e um conjunto de atos e experiências posteriores, que só adquirem coerência e sentido com referência a essa primeira experiência que o poema consagra. E isso é aplicável tanto ao poema épico quanto ao lírico e dramático. Em todos eles o tempo cronológico – a palavra comum, a circunstância social ou individual – sofre uma transformação decisiva: cessa de fluir, deixa de ser sucessão, instante que vem depois e antes de outros idênticos e se converte em começo de outra coisa (PAZ, 1982, p. 227).

Conclui-se que a experiência “original” dos poetas árcades em relação ao rio Jequitinhonha nos ajuda a entender as experiências modernistas e contemporâneas sobre esse mesmo rio. Cada poema que analisei sofre uma transformação decisiva, convertendo-se “em começo de outra coisa” por justamente possuírem sempre um elemento “datável”, um “começo absoluto” e um “aqui e agora” que os torna histórico, sendo-o, como nos adverte Paz, em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios, pois constituem um produto social e uma condição prévia à existência de toda sociedade. Por conseguinte, fundamentado nas concepções de Octavio Paz, afirmo que os poemas que aqui discuti são históricos por darem “de beber a água de um perpétuo presente que é também o mais remoto passado e o futuro mais imediato” (PAZ, 1982, p. 229); por transmutarem o tempo sem abstraí-lo e por tal operação levá-lo a se cumprir plenamente e a regressar no tempo (PAZ, 1982, p. 229). Temos, assim, neste primeiro momento, as seguintes relações poetas-rio Jequitinhonha:

- 1) Na representação do rio Jequitinhonha, apresentam-se quatro estruturas distintas: épico, rondó, romance e versos livres.
- 2) Nos poemas da tradição poética brasileira, a relação sujeito poético-rio Jequitinhonha se constitui a partir da imagem do *nômade pastor* e tem-se a mistura dos viajantes de Onfray e Cecília, que desenvolvem um laço afetivo com o lugar pelo qual deambulam e buscam compreendê-lo.
- 3) Na poesia árcade, as imagens do rio Jequitinhonha se vinculam ao período do “ciclo do ouro”, no século XVIII, no Vale do Jequitinhonha e, conseqüentemente, ao apogeu econômico do Vale.

- 4) Na poesia modernista, as imagens do Jequitinhonha não se relacionam somente ao contexto de exploração do ouro e do diamante, mas também aos mitos, como o de Chica da Silva, pertencentes à sociedade do Vale, no século XVIII.
- 5) Na obra do poeta contemporâneo, a relação sujeito poético-rio Jequitinhonha se constitui a partir da imagem do *sedentário camponês*.
- 6) Na poesia contemporânea, as imagens do rio Jequitinhonha vinculam-se ao período de assoreamento do rio e de estagnação econômica no Vale, no final do século XX.

REFERÊNCIAS:

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Glaura: poemas eróticos*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ÁVILA, Affonso. Os poetas coloniais e a mineração. In: *Catas de aluvião: do pensar e do ser em Minas*. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

CANDIDO, Antonio. Poesia e música em Silva Alvarenga e Caldas Barbosa. In: *Formação da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Martins, 1969.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1996.

COUTINHO, Afrânio. A literatura e o conhecimento da terra. In: *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968.

FILHO, Domício Proença (Org.). *A poesia dos inconfidentes: a poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

GUERREIRO, Patrícia. *Canoa não é força, é opinião: o Vale do Jequitinhonha contado e cantado por canoairos*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2000. 134p. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

GUERREIRO, Patrícia. *Vale do Jequitinhonha: a região e seus contrastes*. *Revista discente expressões geográficas*, Florianópolis, v.1, n. 5, p. 81-100, mai. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diagnóstico ambiental da bacia do rio Jequitinhonha. Salvador, 1997. 64 p.

MEDEIROS, Gonzaga *et al.* *Jequitinhonha Antologia Poética*. Belo Horizonte: Grafilivros, 1982.

MEDEIROS, Gonzaga *et al.* *Jequitinhonha Antologia Poética II*. Belo Horizonte: Gráfica Arte Livre, 1985.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Ana Maria Lisboa de Mello (Org.). Porto Alegre: L&PM, 2010.

MEIRELES, Cecília. Roma, Turistas e Viajantes. In: *Crônicas de viagem*, 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA, Anelito de. A educação pelo rio. In: *Videografismos: notícia do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: Plurart's, 1994.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PAZ, Octavio. *Os filhos do Barro*. Tradução de Olga Salvary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANTIAGO, Luis. *O Vale dos Boqueirões: História do Vale do Jequitinhonha*. Almenara: Boca das Caatingas, 1999.

SOUSA, João Valdir Alves de. Luzes e sombras sobre a história e a cultura do Vale do Jequitinhonha. In: SANTOS, G. R. *Trabalho, cultura e sociedade no norte/nordeste de Minas: considerações a partir das Ciências Sociais*. Montes Claros: Best comunicação e marketing, 1997.

VELOSO, André; MATOS, Ralfo. A rede de cidades do Vale do Jequitinhonha nos séculos XVIII e XIX. *Geonomos*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 73-87, jul./dez. 1998.